

Fernando Molica

Ameaças mostram a face de quem se diz vítima do STF

Ao ameaçarem duas jornalistas da Folha de S.Paulo, defensores da anistia reforçam a necessidade de punições duras àqueles que atentaram contra a democracia. Mostram que não têm limites, não aceitam o contraditório e continuam a pregar o lichamento dos que consideram inimigos.

Ainda em janeiro de 2023, as repórteres Gabriela Biló e Thaísa Oliveira publicaram reportagem com fotos de mulher que vandalizava a estátua da Justiça durante a intentona de 8 de Janeiro. As fotos permitiram a identificação da pichadora, Débora Rodrigues dos Santos, que está presa há dois anos.

As jornalistas apenas cumpriram o seu papel: Gabriela fotografou o que estava diante dos seus olhos, Thaísa participou de uma apuração posterior sobre o episódio. Não houve qualquer manipulação de imagens ou de informações — mas isso pouco importa para os agressores, pessoas que fogem da verdade da como Eduardo Bolsonaro correu do Brasil.

Chega a ser curioso que a nova de ataques a jornalistas ocorra num momento em que bolsonaristas procurem vitimizar Débora diante da possibilidade de ela ser condenada a 14 anos de prisão, conforme o voto de dois ministros do Supremo Tribunal Federal. Como mostrou a coluna Correio Bastidores, a progressão prevista pela legislação deverá permitir que os condenados pelo 08/01 cumpram em regime fechado entre 16% e 20% da pena; ou seja, mesmo se receber os 14 anos de punição, Débora migraria para o semiaberto ainda em 2025.

Em postagens, esses seus defensores procuram minimizar o gesto de pichar com batom a obra do escultor Alfredo Ceschiatti (1918-1989), tentam isolar o fato de seu contexto, como se a acusada não tivesse participado dos atos violentos que procuravam gerar uma crise institucional e viabilizar um golpe de Estado. A tentativa de virada de mesa, e não a pichação, é a maior responsável pela

pena sugerida pelos ministros.

Ela e seus apoiadores têm o direito de alegar o que quiserem, de apresentar uma versão amenizada do dano à estátua, podem mostrar imagens de Débora com os filhos, insistir que ela é apenas uma brasileira que estava indignada com os rumos do país e resolveu protestar.

A discussão sobre penas aplicadas pelo STF — que variam de um ano a 17 anos e seis meses de reclusão — é válida. Há, mesmo entre não simpatizantes de Jair Bolsonaro, pessoas que consideram exageradas algumas punições, que veem erros na aplicação do Código Penal, que questionam critérios utilizados para a dosimetria de penas. O eventual exagero do STF é um dos principais argumentos para a anistia.

Mas ao partirem para uma ação coordenada de terrorismo virtual, para a exposição de dados pessoais e ameaças de violência física e até de morte, esses defensores de Débora mostram as garras, revelam o que são, reafirmam o que levou tanta gente a se engajar

na proposta golpista que culminou com o maior ataque à democracia desde o fim da ditadura que tanto exaltam. Alertam para o risco que seria anistiar golpistas.

As ameaças a Gabriela e Thaísa são uma espécie de versão continuada do quebra-quebra que promovido no 8 de Janeiro, ecoam a tentativa de explosão, no Aeroporto de Brasília, de um caminhão-tanque carregado de combustível. Trazem as digitais da tigrada que, inconformada com a redemocratização, colocou bombas na Ordem dos Advogados do Brasil, no Riocentro e em bancas de jornais. Fazem tabelinha com a exposição de dados pessoais do repórter Thiago Herdy, do UOL, autor de reportagens sobre contratos emergenciais assinados pelo prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB).

Cabe à polícia identificar e indiciar responsáveis por mais esses ataques à democracia, delinquentes que fazem o favor de reafirmarem quem são e o perigo que representam para a sociedade.

EDITORIAL

Instrumento para a evolução humana

A arte tem o poder de refletir, questionar e transformar a sociedade. No universo do cinema e das séries, essa função se torna ainda mais evidente quando produções abordam temas sensíveis e urgentes, como a influência das redes sociais na juventude, bullying, cyberbullying, fake news e até mesmo radicalização de jovens em comunidades virtuais.

A série recém-lançada pela Netflix, *Adolescência*, trouxe à tona a complexidade dessas questões ao explorar o termo “incel” (abreviação de involuntary celibate, ou celibatário involuntário), associado a uma subcultura de jovens frustrados socialmente, que frequentemente canalizam suas angústias em discursos de ódio. O impacto dessa discussão é imenso, pois expõe como o isolamento digital pode amplificar ressentimentos e influenciar comportamentos destrutivos. Algo que antes não era conhecido por muitos, após os quatro episódios da série, que está em alta no mundo todo, passou a ser pesquisado e debatido dentro de casas, em rodas de amigos e até mesmo nas escolas.

O bullying e o cyberbullying, por exemplo, há muito tempo são tratados como problemas individuais ou pontuais, mas obras audiovisuais demonstram que são sintomas de algo maior: uma

estrutura social que frequentemente ignora a dor dos jovens até que tragédias aconteçam. A ficção tem a capacidade de mostrar não apenas as vítimas, mas também as motivações e inseguranças dos agressores, gerando uma visão mais ampla do problema.

Da mesma forma, as fake news são uma ameaça crescente, especialmente para os adolescentes, que muitas vezes não possuem o senso crítico necessário para filtrar o que consomem na internet. Séries que abordam esse fenômeno ajudam a criar conscientização e a ensinar o público jovem a identificar e questionar informações falsas, fortalecendo a cultura digital responsável.

Ao trazer esses temas para o mainstream, o audiovisual não apenas informa, mas também humaniza as narrativas, permitindo que o público se conecte emocionalmente com os dilemas apresentados. São produções que ampliam debates importantes, muitas vezes silenciados no cotidiano, e incentivam o diálogo entre jovens, pais e educadores.

Se o entretenimento tem um papel educativo e social, é essencial que cada vez mais filmes e séries continuem abordando essas questões. A cultura pop não deve ser apenas um reflexo da sociedade, mas também um instrumento para sua evolução.

Oscar Niemeyer ainda divide

Ainda hoje, 11 anos depois de sua morte, o grande arquiteto modernista brasileiro, Oscar Niemeyer, ainda divide opiniões com suas obras que, apesar de marcarem presença em outras metrópoles, tornaram-se uma das principais referências de Brasília. A arquitetura da maior cidade planejada do século passado continua despertando discussões, seja entre especialistas, seja entre pessoas comuns.

Projetada por Oscar Niemeyer, Brasília exibe construções que impressionam pelo design arrojado, mas também geram críticas. Para alguns, suas formas curvas e ousadas simbolizam inovação. Para outros, priorizam a estética e deixam a funcionalidade em segundo plano.

O arquiteto criou espaços que marcaram a identidade nacional. O Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e a Catedral são referências internacionais. No entanto, há questionamentos sobre a utilidade

de algumas dessas obras no dia a dia. A Cidade Administrativa de Minas Gerais, por exemplo, foi vista como exagerada e pouco prática.

Especialistas destacam que Niemeyer valorizava a beleza em seus projetos. Essa escolha fez com que suas construções se tornassem ícones, mas também limitou a aplicação de conceitos mais pragmáticos. Há relatos de prédios sem janelas e espaços pouco adaptados ao clima do Cerrado.

Mesmo assim, muitos defendem sua genialidade. O Edifício Copan, em São Paulo, demonstra que sua visão ia além da estética, criando ambientes integrados e acessíveis. Além disso, suas criações influenciaram gerações de arquitetos.

A obra de Niemeyer é parte essencial de Brasília. Seus prédios continuam a dividir opiniões, mas ninguém pode negar que ajudaram a definir a imagem da cidade no Brasil e no mundo.

Ruy Castro*

A morte do trompetista carioca Pedro Paulo

A informação não chegou ao noticiário: a morte do trompetista carioca Pedro Paulo, um dos últimos da brilhante geração de músicos que criou o samba-jazz. De 1960 a 1966, eles produziram 20 ou 30 LPs de uma música instrumental admirada por americanos e europeus: uma fusão de samba e jazz, com toques de bebop e gafeira. Como toda grande fusão, o samba-jazz não era a soma de um gênero com outro, mas uma terceira coisa, exclusiva — e, no caso, explosiva.

Pedro Paulo era um dos trompetistas dessa turma, que incluía, no Rio, entre outros, os saxofo-

nistas Meirelles, Paulo Moura, Juarez Araújo, Aurino Ferreira e Moacir Santos; os trombonistas Raul de Souza e os irmãos Edison e Edmundo Maciel; os violinistas Baden Powell, Durval Ferreira, Roberto Menescal, Oscar Castro Neves, Rosinha de Valença e Geraldo Vespar; os pianistas Luiz Eça, Luiz Carlos Vinhas, Dom Salvador, Sergio Mendes e Eumir Deodato; o vibrafonista Ugo Marotta; o gaitista Maurício Einhorn; os bateristas Milton Banana, Edison Machado, Dom Um Romão, Wilson das Neves, Hélcio Milito, Victor Manga e João Palma. Pedro Paulo tocou

com todos eles, em discos e nos minitemplos do gênero, como os do Beco das Garrafas, em Copacabana.

Pedro Paulo pertenceu ao Sexteto Sergio Mendes, que se apresentou no seminal concerto no Carnegie Hall, em Nova York, em 1962. Mas, principalmente, foi ele o trompete nos dois talvez maiores discos do samba-jazz: Embalo, de Tenorio Jr., e Edison Machado É Samba Novo, de 1964.

Em 1966, as gravadoras brasileiras, infames praticantes da monocultura, se fecharam para tudo que não fosse iê-iê-iê. O sam-

ba-jazz não produzia estouros comerciais, só música para sempre. Vendo as luzes se apagarem, Pedro Paulo devolveu seu trompete ao estojo e dedicou-se à outra profissão para a qual se preparara: a medicina. Só voltou a ele em 1985, para tentar salvar o que restava de música instrumental no Brasil.

Dr. Pedro Paulo nos deixou. O trompetista continua em discos hoje raros e preciosos.

***Jornalista e escritor. Autor das biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues. Membro da Academia Brasileira de Letras**

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Taxação de Trump pode virar ‘negócio da China’ para o agro brasileiro. Fuvest divulga calendário

1-FUVEST DIVULGA CALENDÁRIO DO VESTIBULAR 2026. Processo seleciona estudantes para a USP-Universidade de São Paulo; inscrições da Fuvest começam em agosto. A Fuvest anunciou o calendário do vestibular 2026. Provas serão realizadas em novembro e dezembro de 2025, e resultado final será divulgado em janeiro de 2026. Vestibular é voltado para a seleção de estudantes da USP. A primeira fase da Fuvest 2026 será realizada no dia 23 de novembro deste ano. Já a segunda fase do vestibular está marcada para os dias 14 e 15 de dezembro. As provas serão aplicadas em cidades da Região Metropolitana de São Paulo, além

do interior e do litoral paulista. O resultado da primeira chamada da Fuvest será divulgado em 23 de janeiro de 2026. Confirma o calendário do vestibular Fuvest 2026. Inscrições: 18 de agosto a 7 de outubro. Primeira fase: 23 de novembro. Segunda fase: 14 e 15 de dezembro. Provas de competências específicas: entre 9 de dezembro e 12 de dezembro, a depender da carreira. Divulgação do resultado da 1ª chamada da Fuvest: 23 de janeiro de 2026. (...) (Terra)

2-‘NEGÓCIO DA CHINA’ PARA O AGRO. Taxação de Trump pode virar ‘negócio da China’ para o agro brasileiro. Brasil deve absorver demanda chinesa

e de outros países, como México e Canadá. Por Danielle Castro. Após a imposição de tarifas e barreiras comerciais pelos EUA, a China decidiu retaliar as medidas de Donald Trump tornando mais caros os produtos agrícolas norte-americanos que entram no país. A tensão entre os dois países, contudo, pode sinalizar bons negócios para o agro brasileiro, que deve absorver parte da nova demanda chinesa e também de outros países afetados pela política norte-americana, como México e Canadá. A taxa de juros e a defasagem da produção, porém, são fatores de preocupação para os produtores e industriais do agrogêncio. (...) (UOL)

3-RISCO DO TARIFAÇO DE TRUMP PARA O BRASIL. Governo detecta risco de tarifaço de Trump mais amplo ou até sobre toda a pauta exportadora brasileira. Falta de informações sobre anúncio de política recíproca dos EUA e declarações de auxiliares provocam temor de cenário extremo. Por Ricardo Della Coletta e Bruno Boghossian. (...) (Folha de S. Paulo)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

Opinião do leitor

Água

Enquanto o mundo se preocupa com o antigo “ouro negro”, que era o petróleo, esquece que maior crise que o planeta está para viver é com a falta da água. Sem petróleo se vive, sem água estamos mortos. Preservar a água é valorizar a vida. É urgente preservar e poupar este recurso natural tão valioso!

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: JORNAIS CULPAM PREMIER INGLÊS PELO ENTRAVE NAVAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de março de 1930 foram: Imprensa londrina considera fracassada a Conferência Naval e jornais franceses culpam o

primeiro-ministro inglês MacDonald pelo entrave nas negociações. Governo japonês inicia as comemorações pela reconstrução de Tóquio após os desastres ambientais de

1923. Partido Fascista Italiano celebra 10 anos de fundação. Partido Republicano do Rio Grande do Sul debate sobre as atitudes de Borges de Medeiros nas eleições.

HÁ 75 ANOS: CÂMARA DEBATE MUDANÇAS NAS LEIS ELEITORAIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 25 de março de 1950 foram: Alemanha Oriental

rejeita proposta de eleições formuladas pelo chanceler soviético Bonn. Câmara debate a inscrição de um

candidato disputar dois cargos eleitorais na mesma circunscrição. Ferve a política no Rio Grande do Norte.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Carlos Martins, Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.